

## **Anda, Diana**

O que é consciência? O que é a vontade? O que é a competição? O que representa ir além dos limites? O que quer dizer possível? E impossível? Como ensinar um corpo a fazer algo que já aprendeu, e que no entanto deixou de conseguir fazer? Anda, Diana é o projecto de uma peça para palco que relata o processo de recuperação da bailarina e acrobata Diana Bastos Niepce, na sequência de um acidente que a deixou tetraplégica.

No dia 24 de Março de 2014, dei entrada nas urgências do Hospital Santa Maria com uma fractura das cervicais c5 e c6 e luxação das cervicais C4 à C7, depois de cair de um trapézio durante um treino de acrobacia. Um mês depois, fui visitada por Rui Catalão (com quem tinha colaborado no livro “Anne Teresa De Keersmaeker”, 2013, ed. INCM). Para escrever, apenas podia usar a cabeça do osso do metacarpo do dedo mindinho direito, mas comprometi-me a escrever um livro como parte integrante do meu processo de recuperação.

Dois meses depois do acidente mudei-me para o centro de reabilitação de Alcoitão, onde continuei a escrever relatórios exaustivos do meu novo modo de vida enquanto paciente de hospital com uma tetraplégia ASIA-B (com a sua população de médicos, enfermeiros, auxiliares, terapeutas, assim como os seus utentes; as sessões de fisioterapia; a logística das refeições, higiene diária, hora de deitar e levantar, as visitas de amigos e colegas do meu passado recente, e que a cada dia se tornava mais distante).

O processo de transição de uma bailarina e acrobata hiperactiva, com uma média de oito horas de trabalho físico diário, que se desdobrava entre treinos, performances e aulas, para uma tetraplégica dependente de profissionais médicos para executar as tarefas diárias mais elementares, correspondeu a um estado psicológico que oscilava entre picos de optimismo pragmático (fazer o que é preciso para recuperar a motricidade fina das mãos e voltar a andar) e instantes de desespero e frustração.

Eu senti o meu corpo a desligar do pescoço para baixo. Agora, passo a passo, no decorrer dos dias e dos meses, assisto ao lento processo do seu regresso à vida activa.

A máquina às vezes colapsa e enlouquece. Não está ao meu alcance controlar a passagem de um corpo que ultrapassa os limites físicos para um corpo que não me obedece. Até que ponto voltarei a ter o que dava por adquirido?

Cada nova reconquista corresponde a um despertar: sentir de novo o calor que passa pelo nervo das pernas e que permite voltar a mexer um dedo do pé; sentir as mãos deformadas que voltam a conseguir rasgar um pacote de açúcar ou acender um fósforo; sentir de novo a coluna endireitar-se na posição sentada.

Desperto também para um corpo que não me entende e não me respeita. Um corpo que não consegue acompanhar os meus objectivos. No processo de reeducá-lo, tão pouco me reencontro com a experiência de criança que descobre a cada momento uma nova possibilidade num mundo de oportunidades, riscos e surpresas. Deparo-me antes com a experiência de uma veterana consciente do que já foi possível, e do que não será mais. Trata-se de voltar a descobrir as possibilidades do meu corpo, sim, e também de reencontrar, ou pelo menos aproximar-me, das suas capacidades entretanto perdidas.

Este processo, de estar consciente de cada gesto, de cada movimento, de cada torção, não é novo. Tão pouco é novo esse esforço que me permitia ultrapassar os limites impostos pelo meu corpo. A novidade reside no espaço em branco, e sem ligação à vista, entre a vontade e a impossibilidade - como activar muscularmente e a nível nervoso determinada informação, para que o movimento se torne possível?

Quando era pequena disseram-me que nunca seria uma bailarina, depois do acidente disseram-me que só iria mexer a cabeça ao fim de seis meses e que nunca mais poderia mexer os membros, mas neste processo, que já dura há 33 meses, deparo-me com dificuldades semelhantes às da bailarina e acrobata: a ideia de que a persistência me permitirá superar as limitações.

Em ambos os casos, é o mesmo desafio: tornar possível o que se apresenta impossível. Não posso analisar todas as opções e erros que me fizeram chegar aqui. Enfrento a minha situação como um desafio.

Clinicamente, o meu objectivo foi passar de uma tetraplegia Asia-B (com distúrbios da Mecânica respiratória e da musculatura que impossibilitam os movimentos das quatro extremidades do corpo), para uma tetraplegia Ásia-D, tetraparésia (em que os quatro membros, mesmo sofrendo uma distrofia muscular, já possuem movimentos activos e com alguma força muscular).

Em 2015, com o apoio do andarilho, consegui levantar-me e dei os primeiros passos desde o acidente. No Verão seguinte consegui andar apoiada por dois tripés. O próximo objectivo foi andar de canadianas, que aconteceu em 2018. Falta levantar-me e andar, simplesmente. Preciso de objectivos à vista. É através de objectivos que estabeleço com os meus terapeutas e médicos uma relação baseada em algo que só a mim me pertence, e que estranhamente eles temem: a esperança de que o impossível é apenas o que ainda não aconteceu.

### **Concepção, coreografia, dramaturgia e interpretação:**

Diana Bastos Niepce, Rui Catalão

## Biografias

### DIANA BASTOS NIEPCE

Bailarina, coreografa e escritora, formou-se na Escola Superior de Dança em 2009. Fez Erasmus na Teak (Helsinquia). Complementou os estudos com uma formação do Forum Dança, Curso de produção gestão de artes do espetáculo, curso de professora de Hathayoga e com a Pós-graduação de Arte e Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Coreografa das peças Lopussa on Vain com o GED, Forgotten Fog com a companhia Armazém 13, Morfme com a Plural Companhia de Dança, Isto não é o meu corpo com a Plural Companhia de Dança, Raw a nude em colaboração com a criadora Mariana Tengner Barros. Trabalhou como bailarina no Bail-Moderne com a Companhia Rosas, Felix Ruckert, Willi Dorner, António Tagliarini, Daria Deflorian, La fura del baus, May Joseph, Sofia Varino, Miira Sippola, Jérôme Bel, Ana Borralho e João Galante, Ana Rita Barata e Pedro Sena Nunes, Mariana Tengner Barros, Rui Catalão, Rafael Alvarez, Adam Benjamin. Actualmente colabora com a Cim companhia de dança, com a Plural Companhia de Dança, com a criadora Mariana Tengner Barros e com o dramaturgo Rui Catalão. Publicou um artigo no livro Anne Teresa de Keersmaeker em Lisboa, ed. Egeac / INCM e escreveu o conto infantil Bayadére, ed. CNB. Júri do prémio acesso-cultura 2018 e Júri oficial do festival internacional de vídeo dança Inshadow 2018.

### RUI CATALÃO

Rui catalão (n. 1971) apresentou nos últimos seis anos uma série de solos autobiográficos: “Dentro das palavras”, “Av. dos Bons Amigos”, “Canções i comentários”, “A Grande Dívida – ciclo de conferências” e “Trabalho Precário”. Neles faz o retrato da vida privada da sua geração. A sua peça mais recente é “Judite” (apresentada no Teatro Nacional D. Maria II, já este ano). Paralelamente, tem desenvolvido projectos pedagógicos, como “Domados ou não” e, mais recentemente, a oficina de teatro “Agora, faz tu!”, com incidência em métodos de trabalho, construção dramaturgica, autonomia criativa e tomadas de decisão em tempo real. Escreveu também “Ester” para o programa de teatro juvenil Panos, da Culturgest. O seu trabalho ronda a fronteira entre o espaço privado e o espaço público, os temas da memória, da fragilidade, da manipulação e da transparência. Nos últimos 16 anos, trabalhou em peças de João Fiadeiro (estreou-se com “O que eu sou não fui sozinho”, em 2000), Miguel Pereira, Ana Borralho-João Galante, Manuel Pelmus, Mihaela Dancs, Madalina Dan, Edi Gabia e, mais recentemente, as revelações Sofia Dinger, Urândia Aragão e Elmano Sancho. Para cinema, escreveu os guiões de “O capacete dourado” e “Morrer como um homem”, participou como actor em “A Cara que mereces”, foi jornalista, crítico musical e de literatura no jornal Público e no Jornal de Sintra. Organizou e editou “Anne Teresa De Keersmaeker em Lisboa” e escreveu “Ingredientes do Mundo Perfeito”, sobre a obra teatral de Tiago Rodrigues.